

BC manterá sigilo

UGO BRAGA

BRASÍLIA – Ainda sem qualquer registro das intervenções do Banco Central no mercado de câmbio, as reservas internacionais do Brasil iniciaram o dia ontem somando US\$ 35,705 bilhões, US\$ 33 milhões menores do que na véspera. A queda foi provocada pela depreciação do dólar em relação a outras moedas negociadas no mercado internacional.

No meio da tarde de mais um dia confuso no mercado, o presidente interino do BC, Demóstenes Madureira de Pinho Neto, resolveu tirar qualquer balizamento sobre vendas de moeda estrangeira. Através da assessoria de imprensa, ele avisou que a partir de agora o banco vai trabalhar calado. Não informará mais sobre as intervenções que faz no mercado de câmbio. “Vai ficar claro se fizemos intervenção quando forem divulgadas as reservas cambiais”, disse.

O conceito de reservas leva em conta somente os contratos de câmbio liquidados, ou seja, o montante só diminui quando os contratos são pagos efetivamente. E os negócios fechados pelo BC com dólares das reservas obedecem a regra conhecida como D+2 – o pagamento acontece dois dias depois da contratação.

Assim, intervenções feitas ontem, por exemplo, têm impacto sobre as reservas internacionais na se-

gunda-feira. E o BC costuma divulgar o montante de reservas com um dia de atraso. Só dá para saber, portanto, quanto em divisas foi injetado na economia com, no mínimo, três dias de atraso. É uma eternidade para o mercado financeiro.

Por outro lado, o diretor de Fiscalização, Cláudio Mauch, avisou que não tolerará operações de câmbio com o único intuito de pressionar a taxa para cima. Ele deu a entender que sua equipe de fiscais está acionada para coibir especulação no mercado de câmbio à vista, cujos movimentos estão nervosos por conta do fechamento de contratos no mercado futuro.

■ O diretor de Fiscalização do BC, Claudio Mauch, anunciou a assinatura de um convênio com as Ilhas Cayman para supervisionar os bancos brasileiros que estão no arquipélago. “É importante saber a qualidade dos ativos que estão lá para garantir a boa liquidez dos depositantes”, disse. Segundo Mauch, o Brasil tem US\$ 35 bilhões em ativos nas Ilhas Cayman, o que corresponde a 5% dos ativos totais do sistema financeiro brasileiro, espalhados por 36 agências e subsidiárias. “Com o convênio, o BC poderá fazer uma inspeção direta sobre as operações ativas”, explicou.